



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III – GUARABIRA  
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

**LINHA DE PESQUISA:**  
Geografia cultural e da percepção

**CICERO IVALDO JUSTINO DA ROCHA**

**A GEOGRAFIA ENCONTRADA NAS ESTROFES DOS POETAS DA LITERATURA  
DE CORDEL**

**GUARABIRA/PB  
2021**

CICERO IVALDO JUSTINO DA ROCHA

**A GEOGRAFIA ENCONTRADA NAS ESTROFES DOS POETAS DA LITERATURA  
DE CORDEL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC - Artigo) apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB Campus III, em cumprimento a exigência para obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Ms. Maria Aletheia Stedile Belizário.

**GUARABIRA/PB**

**2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R672g Rocha, Cicero Ivaldo Justino da.

A geografia encontrada nas estrofes dos poetas da literatura de cordel [manuscrito] / Cicero Ivaldo Justino da Rocha. - 2021.

38 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.

"Orientação : Profa. Ma. Maria Aletheia Stedile Belizário , Departamento de Geografia - CH."

1. Geografia. 2. Literatura. 3. Cordelistas. 4. Convívio. I.

Título

21. ed. CDD 910

**CICERO IVALDO JUSTINO DA ROCHA**

**A GEOGRAFIA ENCONTRADA NAS ESTROFES DOS POETAS DA LITERATURA  
DE CORDEL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC - Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba como requisito obrigatório à obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Aprovado em: 07 / 06 / 2021

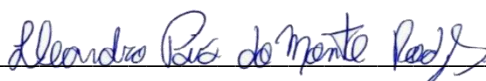
**BANCA EXAMINADORA**



Prof.<sup>a</sup> Ms. Maria Aletheia Stedile Belizário (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.<sup>o</sup> Dr. Belarmino Mariano Neto UEPB/CH/DG  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.<sup>o</sup> Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## DEDICATÓRIA

A Deus que me deu a vida,  
O dom e a poesia,  
Aos parentes e amigos,  
A mamãe que é minha guia,  
Aos queridos professores,  
A quem faz Geografia.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Pai Divino  
Que me dá força e suporte,  
Fazendo com que eu siga  
Sem me perder do meu norte.  
Quando caio me levanta,  
Fazendo o que me suplanta  
Me tornar muito mais forte.

À minha mãe Margarida  
Que no meu jardim é flor,  
Me educou, me auxilia,  
Me dá carinho e amor,  
Que não pôde estudar,  
Mas se orgulha em formar  
O seu filho professor.

Às minhas manas e manos,  
Aos amigos de verdade,  
Que sempre acreditaram  
Na minha capacidade,  
E que sempre estão comigo,  
Me acolhem, me dão abrigo,  
Me ofertam sua amizade.

Aos meus colegas de turma  
Que estão na mesma jornada,  
Que ao longo de cinco anos  
Trilhando na mesma estrada  
Tornaram-se irmãos cativos  
Nas trocas de incentivos  
Nessa longa caminhada.

Cicero Rocha.

Agradeço aos que trabalham  
Nos diferentes setores,  
Que às vezes despercebidos  
Passam pelos corredores,  
Pelo esforço dedicado,  
A vocês muito obrigado,  
Merecem palmas e flores.

A Erick, o motorista,  
Que sempre com alegria,  
De Solânea a Guarabira  
Com amor nos conduzia.  
Aos colegas de viagem,  
Por toda a aprendizagem  
Contida no dia a dia.

Aos mestres que ofertaram  
A nós comprometimento,  
Que mediaram as aulas  
Transmitindo ensinamento,  
Expandindo horizontes,  
E ao se fazerem pontes  
Nos deram conhecimento.

Por fim, é muito importante,  
Lhe agradecer, professora,  
Aletheia Belizário,  
Minha orientadora,  
Por quem tenho muito apreço,  
Que sempre, desde o começo,  
Foi minha incentivadora.

Gratidão a todos vocês!

**043 - CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

**TÍTULO:** A Geografia encontrada nas estrofes dos poetas da literatura de cordel

**LINHA DE PESQUISA:** Geografia Cultural e da Percepção

**AUTOR:** Cicero Ivaldo Justino da Rocha

**ORIENTADORA:** Prof<sup>a</sup>. Ms. Maria Aletheia Stedile Belizário (UEPB/CH/DG)

**EXAMINADORES:** Prof<sup>o</sup>. Dr. Belarmino Mariano Neto UEPB/CH/DG

Prof<sup>o</sup>. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues UEPB/CH/DG

**RESUMO**

Este trabalho busca trazer ao campo de debate da Geografia a literatura de cordel, que em suas abordagens trata da cultura nordestina, do fenômeno das secas, da migração e da violência, entre outros temas que para a discussão no âmbito geográfico são de grande relevância, considerando a geograficidade contida nas estrofes dos poetas cordelistas. Para isso, tem como objetivos analisar a história dessa literatura, entender como se deu o seu processo de fixação no Brasil, sua disseminação e as características adotadas em solo brasileiro. A metodologia utilizada neste artigo tem por base o método fenomenológico, que leva em consideração o fenômeno em sua essência. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, partindo do pensamento de alguns teóricos, como Sauer (1997), Claval (2014), Husserl (1990), Merleau-Ponty (2011), Brosseau (2007), Abreu (1999), Silva (2012), entre outros; e documental de cunho qualitativo e investigativo, realizando a análise de alguns cordéis. A temática escolhida refere-se a uma associação entre Geografia e literatura, relação antiga, embora no Brasil a articulação acadêmica entre elas seja relativamente nova. A Geografia e a literatura podem ser utilizadas em conjunto como uma valiosa ferramenta de pesquisa e análise do convívio do homem com o meio e as transformações decorrentes dessa relação.

**Palavras-chave:** Geografia. Literatura. Cordelistas. Convívio.

**043 - CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

**TÍTULO:** A Geografia encontrada nas estrofes dos poetas da literatura de cordel

**LINHA DE PESQUISA:** Geografia Cultural e da Percepção

**AUTOR:** Cicero Ivaldo Justino da Rocha

**ORIENTADORA:** Prof<sup>a</sup>. Me. Maria Aletheia Stedile Belizário (UEPB/CH/DG)

**EXAMINADORES:** Prof<sup>o</sup>. Dr. Belarmino Mariano Neto UEPB/CH/DG

Prof<sup>o</sup>. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues UEPB/CH/DG

## **ABSTRACT**

This work seeks to bring cordel literature to the field of debate in Geography, which in its approaches deals with northeastern culture, the phenomenon of drought, migration and violence, among other topics that are of great relevance for discussion in the geographic scope, considering the geographicality contained in the stanzas of cordelistas poets. For this, it aims to know a little more about the history of this literature, to understand how its fixation process in Brazil took place, its dissemination and the characteristics adopted in Brazilian soil. The methodology used in this article is based on the phenomenological method, which takes into account the phenomenon in its essence. This is a bibliographical research, based on the thinking of some theorists, such as Sauer (1997), Claval (2014), Husserl (1990), Merleau-Ponty (2011), Brosseau (2007), Abreu (1999), Silva (2012), among others; and documentary of a qualitative and investigative nature, performing the analysis of some cordel literature. The chosen theme refers to an association between geography and literature, an old relationship, although in Brazil the academic articulation between them is relatively new. Geography and literature can be used together as a valuable tool for research and analysis of man's contact with the environment and the transformations resulting from this relationship.

**Keywords:** Geography. Literature. Cordelistas. Conviviality.



## **Lista de Figuras**

<b>Figura 01:</b> Capa do cordel O bicudo no Brasil.....	<b>26</b>
<b>Figura 02:</b> Capa do cordel Epopéia das secas.....	<b>28</b>
<b>Figura 03:</b> Capa do cordel O país e o povo.....	<b>30</b>
<b>Figura 04:</b> Capa do Livro Invernias.....	<b>32</b>
<b>Figura 05:</b> Capa do livro Alma impressa.....	<b>33</b>

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 ALGUMAS REFLEXÕES ACERCA DA GEOGRAFIA CULTURAL.....</b>	<b>13</b>
<b>3 BREVE REFLEXÃO SOBRE FENOMENOLOGIA E A ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA.....</b>	<b>15</b>
<b>4 RELAÇÃO GEOGRAFIA/LITERATURA.....</b>	<b>17</b>
<b>5 ALGUMAS PONDERAÇÕES A RESPEITO DA LITERATURA DE CORDEL.....</b>	<b>21</b>
<b>5.1 A PRESENÇA DA GEOGRAFIA NOS CORDÉIS ANALISADOS.....</b>	<b>25</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>35</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A Geografia cultural, assim como a maioria das vertentes científicas, enfrentou altos e baixos até conseguir firmar-se como importante tendência geográfica. As abordagens culturais na Geografia já eram debatidas desde o século XIX, no entanto, foi somente com Sauer e seus discípulos, na escola de Berkeley a partir de 1923, e com a quebra dos paradigmas positivistas e a inserção das abordagens fenomenológicas, que essa vertente veio consolidar-se; e teve em Sauer o primeiro pesquisador a definir de forma perspicaz o seu trabalho como Geografia cultural. Segundo Claval (2014), não fosse por Sauer e seus seguidores, a Geografia cultural teria sido negligenciada.

Ao longo do tempo, a abordagem cultural enfrentou algumas críticas no tocante à sua forma de observação que, ao invés de buscar compreender e explicar o mundo, simplesmente o descrevia. Após um longo período de críticas e decadência, por volta das décadas de 1980/1990, a Geografia cultural, ao mudar sua conduta em relação às suas proposições, atingiu o topo e passou a tratar, em suas abordagens, novas perspectivas, dessa forma, os mais diferentes temas como música, cinema, literatura, religião, entre outros, passaram a fazer parte do seu cerne, o que, para Claval (2001), é o início de uma nova Geografia cultural.

Partindo desse pressuposto, o nosso trabalho busca trazer ao campo de debate da Geografia, a literatura, mais precisamente a literatura de cordel. Tendo em vista o seu forte poder descritivo e as múltiplas possibilidades proporcionadas por esse tipo de literatura através das suas estrofes, com rico teor de elementos a partir dos relatos feitos pelos poetas cordelistas na forma de sua poesia, que para a discussão no âmbito geográfico são de grande relevância.

A literatura de cordel, em grande parte de suas abordagens, traz à tona temas muito relevantes ao campo da Geografia, e coloca as suas bases a serviço da transformação social, pois acredita no poder transformador da literatura. O cordel se faz uma forte ferramenta de denúncia social, ao mesmo tempo em que entretém, trata de temáticas relacionadas aos desmandos sofridos pelos sertanejos, nordestinos e minorias, assim como também trata do fenômeno das secas e suas consequências no dia a dia do povo sertanejo, da migração, da violência, dos sonhos e das alegrias de toda uma gente, é um grito de socorro, mas também é fonte de entretenimento e esperança na luta por melhores dias.

O interesse por esta pesquisa surgiu desde os primeiros semestres do curso, tendo em vista a minha paixão enquanto cordelista pela literatura de cordel, somada ao amor em declamar versos nos eventos realizados pelo departamento de geografia do centro de humanidades e, levando em consideração as múltiplas possibilidades de estudo presentes na geografia onde, a geografia cultural oferece a oportunidade de trabalharmos a temática do cordel. Durante toda a trajetória acadêmica ao participar de encontros poéticos fora do ambiente acadêmico e compartilhando percepções com outros poetas, e ao ouvir relatos que alguns deles também haviam trabalhado a temática do cordel em seus tccs, aumentava dentro de nós o desejo de relacionar em nossa pesquisa a Geografia presente na literatura de cordel

Tendo em vista tamanha pluralidade da literatura de cordel, e com base nas múltiplas possibilidades de pesquisa proporcionadas pela vertente cultural, o nosso trabalho tem como objetivo geral analisar, através da luz da Geografia, à geograficidade contida nas estrofes dos poetas cordelistas. Objetivamos, também, por meio deste trabalho, conhecer um pouco mais sobre a relação da Geografia com a literatura, sobre a história da literatura de cordel, entender como se deu o seu processo de fixação na Região Nordeste, sua disseminação e as características que fazem do cordel patrimônio cultural da região, uma vez que já é Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro.

Para a realização desse trabalho, nos apropriamos da pesquisa bibliográfica e documental, de cunho qualitativo e investigativo e, tendo como norte um arcabouço teórico que nos permitisse compreender como se deu o surgimento da Geografia cultural e suas formas de abordagem a partir do método fenomenológico, além da relação Geografia/literatura, como também o surgimento e a disseminação da literatura de cordel no Brasil. Para tanto, bebemos da fonte de alguns teóricos a exemplo de Sauer (1997), Claval (2001; 2014), Husserl (1990), Merleau-Ponty (2011), Seamon (2000), Brosseau (2007), Rocha; Oliveira e Pádua (2017), Jahn (2011), Abreu (1999), Tavares (2016), Silva (2012), entre outros.

O nosso trabalho está dividido em cinco partes, e organiza-se da seguinte maneira: na primeira, apresentamos algumas reflexões acerca da Geografia cultural; na segunda, fizemos uma breve reflexão sobre a fenomenologia e a abordagem fenomenológica; na terceira, falamos um pouco da relação entre Geografia/literatura; na quarta, fizemos uma breve introdução à literatura brasileira; em seguida, expomos algumas ponderações a respeito da literatura de cordel e, fizemos uma análise de alguns cordéis de diferentes autores, com base na ótica geográfica.

## 2 ALGUMAS REFLEXÕES ACERCA DA GEOGRAFIA CULTURAL

Na passagem do século XIX, com a quebra do paradigma positivista e a inserção das abordagens fenomenológicas, com forte caráter subjetivo, alguns geógrafos, conforme Sauer, largaram mão de uma certa “tradição de conhecimento de caráter enciclopédico” (SAUER, 1997, p.1) e passaram a trabalhar temas diversos, que lhes despertassem o interesse de investigação. Dessa forma, não mais estudavam apenas as relações homem e natureza puramente de forma descritiva, como era feito tradicionalmente pelos geógrafos humanistas da época, passou-se a buscar compreender além do homem e suas relações com o meio, os elementos culturais, os costumes e as tradições, conferindo-lhes, assim, caráter específico, distinguindo a Geografia humana e a Geografia cultural através da abordagem subjetiva incorporada às análises.

Precisamos entender que a Geografia cultural deve sempre ser debatida levando em consideração nomes importantes, como Paul Vidal de La Blache, Paul Claval, Y FU Tuan, e, principalmente, Carl Ortwin Sauer. Este último, nome ímpar da Escola de Berkeley, nos Estados Unidos, é o primeiro a definir de forma arguta o seu trabalho com a Geografia cultural, por isso demos maior ênfase ao seu nome, tendo em vista que a definição dos trabalhos de Deffontaines e La Blache é algo mais contemporâneo, dessa forma, entre os pioneiros da Geografia cultural, Sauer é o primeiro a se utilizar desta nomenclatura.

Desde o século XIX, as abordagens culturais eram debatidas na Geografia, no entanto, foi somente nos Estados Unidos, em primeiro momento na escola de Berkeley, por Sauer e seus discípulos, e depois entre as demais universidades norte-americanas, que a Geografia cultural ganhou um conjunto de características de abordagem que a consolidasse, passando a considerar o homem como agente modificador da paisagem, afastando-se da interpretação determinista, além de adotar, em suas abordagens, um teor mais qualitativo que quantitativo. A escola de Berkeley teve em Sauer o seu precursor e um de seus principais nomes, foi através dele e da influência de sua metodologia, baseada nas obras do alemão Otto Schlüter, cujos estudos eram voltados à paisagem, que, conforme Seemann 2004, os seus discípulos puderam basear-se, objetivando o rompimento da Geografia com o viés positivista e o determinismo da época. De acordo com Claval, “a geografia cultural teria sido negligenciada, se não fosse a abordagem de Sauer, seus discípulos e a escola de Berkeley” (CLAVAL, 2014 *apud* CORRÊA, 2017, p. 41).

Após algum tempo sofrendo críticas no tocante às suas formas de abordagem e tendo como uma das principais observações o modo como buscava descrever o mundo, ao invés de tentar explicá-lo ou até mesmo buscar compreendê-lo, além de enfrentar um crítico momento de decadência durante o período da Guerra Fria, a Geografia cultural reinventa-se e, em um período entre as décadas de 1980/1990, atinge o topo, no que diz respeito à conduta e proposições geográficas, o que, de acordo com Claval 2001, dá início a uma nova Geografia cultural.

Esta nova Geografia cultural de acordo com Claval 2001, surge com o intuito de buscar compreender como os indivíduos organizam-se, comportam-se e, principalmente, transformam o meio em que vivem, modelando o ambiente, modificando e desenhando novas paisagens. Ou seja, busca entender as ações do homem no tocante às formas de relacionamento, às experiências vivenciadas, os encontros e desencontros, o convívio individual e enquanto grupo/sociedade, a forma como percebe/apreende a paisagem e a sua vivência na terra, criando, desta forma, um universo de possibilidades a serem estudadas e deixando para trás a ideia de buscar descrever o mundo, pura e simplesmente.

No Brasil, a Geografia cultural chega por volta 1930, dando origem à Geografia universitária. De acordo com Barthe-Deloizy; Serpa 2012, trabalhado primeiro no Estado de São Paulo, posteriormente o governo federal, ao decidir que o ensino superior deveria ser renovado, resolveu expandir essa nova forma de abordagem da Geografia para outras universidades. Recorrendo à experiência francesa, Pierre Deffontaines partiu para a Universidade de São Paulo em primeiro momento, e depois para a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Deffontaines buscou acrescentar à graduação da Geografia “[...] estudos de realidades estáticas, análises sobre o campo, as cidades e as regiões” (BARTHE-DELOIZY; SERPA, 2012, p. 12).

No Brasil, a Geografia cultural e seus novos métodos de abordagem só vieram afirmar-se no início dos anos 1990, quando alguns geógrafos brasileiros passaram a adotar esse tipo de procedimento, sua divulgação e estruturação. Deve-se a Zeny Rosendahl a criação, no ano de 1994, com sede no Rio de Janeiro, de um laboratório intitulado *Espaço e Cultura*, nasce então o NEPEC, (Núcleo de Estudos em Espaço e Cultura).

O NEPEC se torna um sucesso, e sob a coordenação dos professores Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa segue duas linhas de trabalhos essenciais para a disseminação da Geografia cultural no Brasil. Incentivado por Corrêa, o núcleo

passa a traduzir e publicar importantes obras de autores diversos: ingleses, franceses e alemães, com Rosendahl, ampliam-se os estudos para análise da religião no Brasil.

A abordagem cultural, no Brasil, segue afirmando-se, e nos primeiros anos da década de 2000, por iniciativa de algumas universidades de Curitiba, Porto Velho, Porto Alegre e Salvador, dá-se a criação do NEER (Núcleo de Estudos em Espaço e Representações), consolidando o sucesso desse tipo de abordagem, não só pelos estudiosos destes núcleos, como também por diversos pesquisadores que passaram a trabalhar a Geografia cultural a partir de então.

Embora tenha enfrentado alguns momentos difíceis durante o período da Guerra Fria, teve suas forças renovadas a partir da década de 1990, quando os seus seguidores vivenciaram significativo crescimento no tocante a novos temas e estudos empreendidos, a Geografia cultural segue se firmando e reafirmando os estudos geográfico-culturais no decorrer do tempo. Dessa forma, novas perspectivas passam a ser demandadas, a cultura e o conhecimento popular passaram a obter mais dedicação por parte dos pesquisadores e, assim, temas como cinema, música, religião, literatura, entre outros, foram introduzidos no cerne desta tão importante vertente geográfica.

### **3 BREVE REFLEXÃO SOBRE FENOMENOLOGIA E A ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA**

Ao nos dispormos a estudar um tema como literatura sob a ótica geográfica, é preciso levantar algumas questões. A primeira delas é o método de análise que será utilizado na condução do estudo. Assim, após levantamento sobre o tema, a Fenomenologia, se tornou norteadora dessa pesquisa.

Para tanto é comum que façamos a nós mesmos a seguinte indagação: O que é a Fenomenologia? Para darmos a essa pergunta uma resposta minimamente plausível, faz-se necessário que façamos uma viagem por um arcabouço teórico, despidos e desprendidos de qualquer conceito ou pré-conceito coexistente que tenhamos, apoiando-nos em bibliografias que possam nos dar a resposta, ou ao menos, mostrar um caminho a ser seguido.

Enquanto pesquisadores, ao buscarmos alguma resposta no intuito de tentarmos desvendar os mistérios que circundam o significado ou aquilo que viria a significar a Fenomenologia, é imprescindível que busquemos aporte em Edmund

Husserl (1859-1938), filósofo e matemático alemão, tido como o pai da Fenomenologia por ter rompido com a visão positivista da ciência e da Filosofia e ter estabelecido a escola da Fenomenologia, rompendo fronteiras, em sua época, e dando novas possibilidades para teóricos posteriores, a exemplo de Martin Heidegger (1906-1976); Emmanuel Lévinas (1906-1976); Maurice Merleau-Ponty (1907-1960) e outros.

Para Husserl, a Fenomenologia deve ser encarada como um método, ou seja, um caminho a ser seguido. Para ele, esse método deve ser compreendido como a própria “ciência da essência do conhecimento [...] doutrina universal das essências” (HUSSERL, 1990, p. 22), ou seja, é uma ciência que, ao buscar compreender o cerne do conhecimento, procura ir de encontro àquilo que é essencial ao fato, à experiência, ao conhecimento, seja concreto ou abstrato.

Merleau-Ponty 2011 *apud* Suess e Costa Leite 2017, vem reafirmar o que disse Husserl em relação à Fenomenologia enquanto ciência da essência do conhecimento, ao discorrer que a Fenomenologia “[...] é a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é [...]” (MERLEAU-PONTY, *apud* SUESS; COSTA LEITE, 2017, p. 150), ou seja, é a tentativa de descrever a nossa experiência de forma direta, sem conceitos ou pré-conceitos anteriores, descrever a nossa experiência tal qual ela é, despida e desprendida de qualquer vício, artifício ou tentativa de maquiá-la, a nossa experiência pura, e em sua mais plena essência.

Para tanto, o método fenomenológico de análise é primordialmente baseado naquilo que Husserl chamou de “retorno às coisas mesmas” (HUSSERL, 1990, p. 22), isto é, o método fenomenológico busca respostas na essência das coisas, deixando de lado qualquer ultraje ou roupagem envolta a elas. Desta forma, indo de encontro à gênese do fenômeno, sem se preocupar com as teorias, conceitos ou as idealizações posteriores, levando em consideração apenas aquilo que faz parte da essência do fenômeno.

Ao partir de uma abordagem fenomenológica, o pesquisador passa a ser instrumento, e deve tornar-se testemunho do método fenomenológico, buscando ser o mais fiel possível ao tentar retratar as experiências humanas. Cabe ao pesquisador, fidedignamente, buscar inserir-se em sua pesquisa, de tal maneira que possa ficar cada vez mais próximo daquilo que está investigando, para que possa, de fato, ter um contato direto com o fenômeno investigado.

O estilo de investigação presente na abordagem fenomenológica é qualitativo, inclui fundamentação conceitual e metodologia particular. Esse tipo de abordagem é



marcado, segundo Seamon (2000) *apud* Suess; Costa Leite, 2017, por dois pressupostos, pessoa e mundo, intimamente ligados por uma espécie de empirismo radical, cujas características são: o envolvimento do pesquisador com o fenômeno, dando-lhe a possibilidade de um contato direto com o mesmo, buscando familiarizar-se e tornando-o o mais íntimo possível; cabe ao pesquisador reconhecer que não é conhecedor do fenômeno, no entanto, busca conhecê-lo, para isso, deve adaptar os seus métodos para melhor compreender as circunstâncias do fenômeno e sua natureza.

Nesse sentido, podemos dizer que a Fenomenologia tem como objetivo um método de abordagem que leva em consideração o fenômeno em sua essência, uma abordagem que prioriza as experiências vivenciadas pelo homem enquanto indivíduo e os significados das suas experiências, não quantificando-as, porém, utilizando-se da observação para expor os fatos como realmente são e apresentam-se.

Partindo da abordagem fenomenológica, juntamente com a Geografia cultural, pretendemos, através da pesquisa bibliográfica e documental, de cunho qualitativo e investigativo, enlevar-nos por um arcabouço teórico que traz à luz do nosso conhecimento a literatura de cordel como forte colaboradora da Geografia, quanto ao debate dos mais diversos temas, que vão desde as fortes estiagens até os fenômenos dos grandes centros urbanos. Pesquisaremos cordéis de diversos autores, esses com diferentes graus de estudos, porém com uma enorme sensibilidade para transpor, em sua poesia, fenômenos do mais profundo interesse para os estudos da Geografia, assim como também para nós, enquanto geógrafos.

#### **4 RELAÇÃO GEOGRAFIA/LITERATURA**

Diferente do que muitos de nós podemos chegar a pensar, a relação existente entre a Geografia e a Literatura não é algo tão recente, porém, de acordo com Brosseau 2007, essa relação ficou meio que adormecida por bastante tempo, até a década de 1970. Ainda de acordo com Brosseau, La Blache, em artigo publicado no ano de 1904, já mostrara a clara relação entre ambas, ao destacar a obra *Odisseia*, escrita por Homero, na qual o autor relata, com grandiosa riqueza, elementos geográficos, uma viagem feita por um personagem após a guerra de Troia (BROSSEAU, 2007).

Essa viagem relatada por Homero em sua obra, após ser mencionada por La Blache, em 1904, conforme CARVALHO 2014, teve suas experiências geográficas referenciadas por diversos autores, a exemplo de De Martonne 1953; Lévy 2006 e outros. Para estes autores, é *Odisseia* a geografia mais antiga a que temos conhecimento, no ato em que a referenciam como a geografia mais antiga, e tendo em vista que nela estaria esculpida a Geografia através da literatura, via os relatos de uma viagem, reforçam ainda mais a existência de uma forte relação entre Geografia e literatura (BROSSEAU, 2007).

Em 1970, se deu o surgimento de uma perspectiva crítica, assim como a concepção de uma geografia mais humanista. De acordo com Brosseau (2007), “evocando de maneira mais ou menos direta a fenomenologia [...]” (BROSSEAU, 2007, p. 19), foi que a relação entre a Geografia e a literatura puderam ganhar um fôlego. Ainda conforme o autor supracitado, em primeiro momento, a relação Geografia e literatura teve o seu desenvolvimento mais intenso, no pensamento geográfico anglo-saxão que no francês.

Brosseau (2007), nos parece explicitar essa reassunção temática quando cita alguns eventos realizados por associações e instituições geográficas após a década de 1970. Para exemplificar esses eventos, podemos citar o encontro realizado pela União Geográfica Internacional, no ano de 1972, no qual houve uma “[...] sessão sobre a utilização dos romances regionais para o ensino da disciplina” (BROSSEAU, 2007, p. 20); além da realização de “[...] uma reunião sobre as paisagens na literatura” (BROSSEAU, 2007, p. 20), realizada pela Associação dos Geógrafos Americanos em 1974, como também o encontro anual do Instituto dos Geógrafos Britânicos em 1979, que foi dedicado às “[...] relações gerais entre geografia e literatura” (BROSSEAU, 2007, p. 20).

Partindo disto, e com base no balanço teórico e historiográfico proposto por Brosseau (2007), podemos afirmar que a relação entre a geografia e a literatura assume três diferentes perfis: primeiro, o complemento de uma geografia regional; segundo, a transcrição da experiência dos lugares; e o terceiro, a crítica social da realidade.

Ainda em conformidade com Brosseau (2007), o primeiro perfil, o complemento de uma geografia regional, estaria pautado na tentativa de fazer com que a literatura fosse uma ferramenta que poderia ser complementar à geografia regional. Para isso, existia uma rígida preocupação com o método. Algumas dessas preocupações buscavam fazer a comparação das leituras de diferentes autores que tratassem do

mesmo tema e em um mesmo intervalo de tempo, além de “ver se o autor viveu nos lugares que descreve” (BROSSEAU, 2007, p. 25). Tudo isso com o propósito de buscar qualificar o potencial documental do romance, no intuito de conseguir-se uma maior confiabilidade no que está escrito.

Estando diretamente associado à Geografia humanista, o segundo perfil, Transcrição da experiência dos lugares, procura “situar o sujeito no centro das preocupações dos geógrafos em suas reflexões sobre os lugares” (BROSSEAU, 2007, p. 29), busca-se compreender o lugar através da percepção do sujeito e dos valores por ele agregados, assim como a identificação do mesmo com o lugar. Entendemos que mediante essa percepção humanista entre a Geografia e a literatura, os geógrafos puderam trabalhar comparações entre o que é objetivo e/ou subjetivo, nas experiências do personagem, nas palavras de Brosseau (2007): “[...] os geógrafos humanistas privilegiam o romance na medida em que lhes parece propiciar a ocasião ideal de encontro entre o mundo objetivo e o mundo da subjetividade” (BROSSEAU, 2007, p. 31).

O terceiro perfil apontado por Brosseau (2007), a Crítica social da realidade, procura destacar o interesse de utilização da literatura com o empenho de se tecer uma espécie de “crítica da realidade e ideologia dominante” (BROSSEAU, 2007, p. 31). Dessa forma, ao conceber críticas acerca dessa realidade e ideologia dominante, partindo dessa Geografia/literatura, podemos dizer que se buscam formas para um potencial construtor de um futuro mais acertado, tendo por base “[...] uma justiça social mais ampla”, da mesma forma que “os estudos de inspiração marxista também procuram na literatura um meio de demonstrar aquilo que a realidade poderia ou deveria ser” (BROSSEAU, 2007, p. 46).

Muito embora a relação entre a Geografia e a literatura não seja algo tão recente como vimos acima, no Brasil, a articulação dos pesquisadores nessa área é consideravelmente nova. De acordo com Suzuki (2017), foi somente em 2011, no IX ENANPEGE (Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa em Geografia), que viera a aparecer o primeiro grupo de pesquisadores que abordavam, em seus trabalhos, Geografia e literatura. Contudo, no Brasil, a tendência ao uso dessa abordagem vem ganhando força no decorrer do tempo e cabe a nós, enquanto pesquisadores e interessados nesta temática, buscar cada vez mais o fortalecimento e a disseminação dessa discussão.

Ao abordarmos a literatura brasileira, é muito importante que levemos em consideração que ela tem uma forte ligação com a chegada dos colonizadores em

nossas terras, não só pelo fato da nossa língua, que apesar de miscigenada, não deixa de ser herança dos colonizadores, mas também por levarmos em consideração o fato de que os artistas e escritores daquela época, quando não tinham berço de origem portuguesa, tinham sua formação acadêmica realizada em Portugal. Fato esse que fez com que as primeiras obras escritas em terras brasileiras estivessem intimamente ligadas aos ideais portugueses, e não poderia ser diferente, levando em consideração o que nos diz Carvalho ao ressaltar que ela “nasceu e desenvolveu-se [...] como rebento da portuguesa e seu reflexo” (CARVALHO, *apud* BOTELHO, 2011, p. 143).

No decorrer de um grande período de tempo, a literatura brasileira se fez reflexo da portuguesa, e foi somente por volta da primeira metade do século XIX, em um período chamado de romantismo<sup>1</sup>, que essa literatura viera a passar por um momento mais enérgico no tocante a sua aproximação com a própria nacionalidade. A esse respeito, Veríssimo vem reforçar que:

[...] com os primeiros românticos, entre 1836 e 1846, a poesia brasileira, retomando o trecho logo apagado da plêiade mineira, entra já a cantar com inspiração feita dum consciente nacional. Atuando na expressão principiava essa inspiração a diferenciá-la da portuguesa (VERÍSSIMO 1963, *apud* BOTELHO, 2011, p. 143).

Com o desprendimento da nossa literatura em detrimento aos ideais dos colonizadores do nosso país, ela vai ganhando algumas características, particularidades e significados. A língua brasileira, da mesma forma, embora rebenta da portuguesa, passa a apresentar suas próprias especificidades e, conforme (CARVALHO, 1922 *apud* BOTELHO, 2011):

[...] nossa prosódia tem acentos mais delicados que a lusitana, e há na sintaxe popular muitas particularidades interessantes. Temos também um extenso vocabulário essencialmente brasileiro, cuja importância não se faz mister encarecer (CARVALHO, 1922 *apud* BOTELHO, 2011, p.144).

Dessa forma, de acordo com Carvalho, citado por Botelho, a língua portuguesa feita no Brasil, ao contrário da de Portugal, não se caracteriza por apresentar um exuberante vocabulário, no qual demasiadamente se tem o emprego de artifícios deslumbradores. Pelo contrário, caracteriza-se pela clareza do seu feitio, por

---

<sup>1</sup> O romantismo foi um período da literatura brasileira no Século XIX, cujas características são a subjetividade, o nacionalismo, o exagero sentimental e as idealizações.

consequência da língua, a literatura diferencia-se pelo mesmo motivo, a simplicidade que tem essencialmente.

A literatura brasileira é fruto de um longo processo de evolução, e teve que traçar diversos percursos que configuraram diferentes momentos históricos e que a fizeram chegar ao que conhecemos nos dias atuais. Para termos uma noção desse processo de evolução, Carvalho propõe uma divisão que consiste em três diferentes períodos, são eles:

- 1º) – Período de formação, quando era absoluto o predomínio do pensamento português (1500-1750);
- 2º) – Período de transformação, quando os poetas da escola mineira começaram a neutralizar ainda que palidamente os efeitos da influência lusitana (1750-1830);
- 3º) – Período autônômico, quando os românticos e os naturalistas trouxeram para a nossa literatura novas correntes europeias (1830 em diante) (CARVALHO, 1922 *apud* BOTELHO, 2011, p.144).

Neste trabalho, não pretendemos adentrar de forma mais aprofundada na seara que envolve cada período percorrido pela literatura brasileira, até chegar à sua autonomia e desprendimento das raízes portuguesas. Vale ressaltar que isso não foi um processo simples e rápido, muitos caminhos precisaram ser trilhados por nossa literatura, até que viera, a partir do marco do romantismo (1836), que tem como baliza a obra de Gonçalves de Magalhães intitulada de *suspiros poéticos e saudades*, datada do mesmo ano, a ter, de fato, uma disjunção da literatura portuguesa.

Ao falar do romantismo e ao citar Magalhães e sua obra, Alfredo Bosi afirma: “o nome de Gonçalves de Magalhães é tradicionalmente lembrado pela baliza da publicação dos *Suspiros Poéticos e Saudades* (1836), livro e data que a história fixou para a introdução do movimento entre nós” (BOSI, 2013, p. 102). Dessa forma, partindo do pressuposto de que o romantismo serviu como importante marco para a dissociação da literatura brasileira da portuguesa, e tendo noção de que isso se deu através de longo processo até termos uma literatura própria, vamos adiante.

## **5 ALGUMAS PONDERAÇÕES A RESPEITO DA LITERATURA DE CORDEL**

A literatura de cordel, gênero literário muito apreciado no Brasil e fora dele, fez chegada ao nosso país com os portugueses e espanhóis, por volta do século XVIII. A princípio, aportou-se na região Nordeste, chegando primeiro na Bahia, capital

brasileira na época, estendendo-se por toda a região, com maior efervescência pelo Rio Grande do Norte, Pernambuco, Paraíba e Ceará, ganhando notoriedade e seguindo para diversas partes do Brasil conforme apontam as pesquisadoras Lêda Rocha, Rayane Oliveira e Vilani de Pádua.

[...] instalando-se na Bahia, então capital do Brasil e, posteriormente, espalhando-se para outros estados; sua divulgação se deu com maior intensidade nos estados da Paraíba, de Pernambuco, do Ceará e do Rio Grande do Norte, atuando como instrumento de comunicação e fonte de informação [...] (ROCHA; OLIVEIRA; PÁDUA, 2017, p. 2).

No início, a literatura de cordel não recebia essa nomenclatura e, como toda a literatura da época sofria influência dos colonizadores, com o cordel não era diferente. Essa literatura passou a ser conhecida no Brasil como romances ou folhetos, posteriormente passando a ser chamada de Literatura de cordel, nome proveniente da forma em que eram comercializados os folhetos nas feiras, pendurados numa espécie de barbante ou cordão (cordel).

Ao chegar às terras brasileiras a Literatura de cordel foi ganhando outras faces, outras formas, e outras histórias passaram a ser exibidas em suas páginas. A princípio os cordéis contavam histórias de reis, rainhas, dragões, porfias, etc. Porém, conforme foi se consolidando nas terras nordestinas, foi adquirindo as características e traços do cotidiano do seu povo. Desta feita, outros temas passaram a ser abordados: as fortes estiagens que assolavam os sertões, o abuso de poder, as desigualdades sociais e os descasos sofridos pelo povo sertanejo.

De acordo com a professora Márcia Abreu, a produção do cordel, desde o início, encontrou solo fértil para sua consolidação na região Nordeste em decorrência de alguns fatores característicos desta parte do país. Ela evidencia que

A vida nordestina parece ser o palco e a fonte dos folhetos. Embora não haja restrições temáticas, essa produção sempre esteve fortemente calcada na realidade social na qual se inserem os poetas e seu público, desde as primeiras produções. Mais da metade dos folhetos impressos nos primeiros anos continha 'poemas de época' ou de 'acontecido', que tinham como foco central o cangaceirismo, os impostos, os fiscais, o custo de vida, os baixos salários, as secas, a exploração dos trabalhadores (ABREU, 1999, p. 119).

Desta forma, o Cordel deixou de ser meramente um tipo de literatura fantasiosa que abordava histórias distantes, e passou a tratar de fatos ocorridos no cotidiano do povo sertanejo, tratando das mazelas, dos desmandos, do sofrimento, dos sonhos e das alegrias de um povo sofrido, mas forte, exercendo, assim, um papel social muito

importante para o povo nordestino, pois o Cordel, além de entreter, informava e educava aquela gente.

A literatura de cordel, em grande parte de suas análises, articula a denúncia social, pois acredita que o viés literário influencia as pessoas, incumbindo um pensamento oposto à ideologia dominante. Traz à tona temas importantes, colocando suas bases a serviço da transformação social. Nesse contexto, vários autores, ao se tornarem críticos em seus textos, se engajam em oposição à literatura descritiva. O cordel torna-se, então, um grito de socorro de uma população esquecida, mas também mostra as alegrias e facetas do povo nordestino.

Ao mesmo tempo em que, quando chegou ao Brasil o Cordel passou a abordar temas diferentes dos de suas raízes ibéricas, também passou por transformações no tocante à sua estruturação. Na forma em que o Cordel chegou ao nosso país, adotava-se em sua estrutura o uso das quadras (estrofes de quatro versos), hoje não mais utilizada no cordel, mas ao se alojar na Paraíba foi ganhando novas modalidades estruturais. A mais usual delas é a sextilha, que, segundo Tavares, “é uma versão aperfeiçoada da quadrinha tradicional portuguesa” (TAVARES, 2016, p. 34). O uso da sextilha na literatura de cordel foi introduzido por Silvino Pirauá<sup>2</sup> e difundido por vários poetas da época, perdurando até os dias atuais.

No começo a poesia  
Popular hoje cordel  
Era em quadras, realmente,  
Que usava o menestrel,  
Mas Silvino Pirauá  
Um novo sistema dá  
De maneira mais fiel.

Repetindo os últimos versos  
Da quadra forma sextilha  
Cuja estrofe mais completa  
Na melodia mais brilha,  
Foi assim que começou  
E depois continuou  
Se aceitando a septilha  
(CAVALCANTE *apud* ABREU, 1999, p. 85).

Assim como o homem e a natureza, o cordel também passou por diversas transformações ao longo dos anos, hoje não é, necessariamente, comercializado apenas nas feiras livres das pequenas cidades dos interiores nordestinos, mas chegou a um patamar tão alto, ao ponto de ser comercializado em forma de antologias,

---

<sup>2</sup> Silvino Pirauá de Lima, nascido em 1848 na cidade de Patos-PB, faleceu em 1913, vítima da varíola, no município de Bezerros/PE.

coletâneas ou até mesmo individualmente, nas livrarias, bancas de jornal, revistarias, sebos, virtualmente e também nas formas digitais. Essa literatura tem cada vez mais se expandido e conquistado novos públicos, novas vitrines, chegando a ser representada nacionalmente em programas televisivos, e em suas páginas são abordados os mais variados temas, que vão desde fatos passados, histórias fictícias, crítica social, gracejos, temas políticos, a natureza, os animais e a sociedade contemporânea.

A literatura de cordel tem atingido os mais variados níveis culturais, tanto no seu consumo, quanto em sua criação, alcançando desde o analfabeto, através da oralidade dos declamadores ou da leitura de terceiros, ao professor, e assim como o seu público-alvo é diversificado, os seus poetas cordelistas também o são, alguns são letrados, outros autodidatas, outros são analfabetos, outros são doutores, alguns vivem na zona rural ou nos pequenos vilarejos, outros nas pequenas e grandes cidades, o que dá a essa literatura uma gama vasta e bastante plural de temas e fatos abordados.

Como visto anteriormente, a Geografia e a literatura, no geral, podem ser utilizadas em conjunto, como valiosa ferramenta de pesquisas e análises do convívio do homem com o meio e as transformações decorrentes de suas ações. Com a literatura de cordel não poderia ser diferente, e essa relação se torna ainda mais intensa quando levamos em consideração o forte papel exercido pelos cordéis no tocante à descrição de variados temas de grande relevância para a Geografia.

Podemos destacar aqui temas a exemplo da *Epopéia das secas*, do poeta Raimundo Santa Helena; *O bicudo no Brasil*, de autoria de João Gomes Sobrinho (popular Xexéu); *O país e o povo* (ou *a carestia atual*), do poeta Laelson Luiz dos Santos Rios, entre outros que tratam de diferentes assuntos abordados pela Geografia. Apoiemos-nos na afirmativa de Silva, ao abordar, em sua tese de mestrado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a temática relacionando o uso da literatura de cordel sob uma ótica geográfica:

Inúmeros são os cordéis que podem ser observados e/ou utilizados sob a ótica geográfica, seja pelo seu conteúdo explicitamente geográfico, que pode incluir a descrição de paisagens, por exemplo, seja pela análise crítica que fazem da sociedade – espacialmente organizada – ou de modo subjetivo como veículo de reflexão conceitual e teórica de objetos e categorias (SILVA, 2012, p. 98).

Com base em tamanho pluralismo, e em uma gama tão grande de temas, títulos, e possibilidades, nos interessa buscar cada vez mais entender e compreender,



de forma científica, como a Geografia pode estar introduzida direta e indiretamente neste tipo de literatura, que ao aportar-se no Brasil adquiriu características e costumes típicos do seu povo, além de ser um método de disseminação e expansão cultural dos povos nordestinos.

## 5.1 A PRESENÇA DA GEOGRAFIA NOS CORDÉIS ANALISADOS

A seguir, faremos algumas considerações a respeito do cordel intitulado *O Bicudo no Brasil*, de autoria do poeta João Gomes Sobrinho, popular Xexéu. Em seu cordel, o poeta trata de uma praga que assolou o país e que teve sua constatação, no primeiro momento, em São Paulo, no início da década de 1990, posteriormente espalhando-se por todas as regiões do Brasil. (Figura 01):

[...]

Esse bicudo invadiu  
O Brasil de Leste a Oeste  
Quando ninguém esperava  
Chegou aqui no Nordeste  
De um lado a seca castiga  
Do outro vem essa peste.

Além do bicudo ser  
Uma praga absoluta  
Contra o trabalhador  
Que planta na terra bruta  
Prejudica os cereais  
Pastagem, legume e fruta.

[...]

O bicudo atrapalhou  
Até mesmo a nossa feira  
Sem safra não há dinheiro  
Assim diz Lucas Ferreira  
Essa praga no Brasil  
Gerou toda quebradeira.

[...]

Dizem que o bicudo veio  
De um país da Europa  
Transportado de avião  
Nos trajes de uma cachopa  
E desde quando chegou  
Que o Brasil perde a copa.

Chegando aqui alastrou-se  
A nível nacional  
Da indústria ao comércio

Até à zona rural  
Na maior facilidade  
Furou o Plano Real.

[...]

Aonde o bicudo vai  
Muda o semblante e o clima  
Está derrubando a técnica  
Pra ele serrar de cima  
Só nunca fez e nem faz  
Poeta perder a rima  
(GOMES SOBRINHO, 2001, pp. 3, 6, 8).

**Figura 01:** Capa do cordel O Bicudo no Brasil



**Fonte:** Arquivo do Autor, (2021).

Ao analisarmos o cordel do poeta Xexéu, podemos perceber a Geografia impregnada em suas páginas de diversas formas e em diversas estrofes. Seja ao destacar a chegada do bicudo no Nordeste, como se já não bastassem os problemas ocasionados pela seca que assola essa região e dificulta a convivência do homem com o meio e a sua semiaridez, seja ao falar da “quebradeira” que essa praga gerou no país, causando caos ao destruir as safras, ocasionando um déficit de produção de alimentos para a subsistência, além de mercadorias a serem comercializadas nas feiras, dando prejuízos financeiros exorbitantes ao ponto de “furar” o plano real.

O autor ainda nos faz refletir de maneira indireta ao trazer à tona ilações de que essa peste tenha vindo de avião, sido enviada por algum país da Europa, acrescenta

assim a Geopolítica ao seu cordel. Ao evidenciar que a causa da disseminação do bicudo no Brasil tenha sido possivelmente ocasionada por interesses de algum país do estrangeiro, Xexéu nos faz refletir a respeito de que o interesse geopolítico das grandes potências mundiais pode gerar sofrimento e miserabilidade aos países em ascensão, enfraquecendo a sua economia e gerando o caos, sem dó nem piedade.

No Nordeste, o sistema político que imperava era comandado pelos coronéis e suas oligarquias, que eram, na maioria das vezes, os maiores beneficiários das mazelas que assolavam a região. Conforme Bacelar (2000), com a crise provocada pelo bicudo no setor algodoeiro e tendo em vista que o algodão era para os pequenos proprietários a sua principal fonte de renda financeira, esses tiveram que vender o pouco que lhes excedia da agricultura de subsistência, e quando a seca castigava, impossibilitados de produzir, eram obrigados a vender suas pequenas propriedades aos grandes latifundiários, o que aumentava ainda mais o problema das questões fundiárias.

O próximo poema a ser analisado é de autoria do poeta Raimundo Santa Helena e foi intitulado de *Flagelados das secas*. Esse poema está situado em um cordel, cujo título *Epopéia das secas* é uma produção artesanal, feita pelo próprio autor. Nesse cordel o poeta relata um período de fortes estiagens que assolava o sertão da Paraíba no ano de 1932. (Figura 02):

É 32 maldição  
 No sertão de Cajazeiras  
 Sem arroz e sem feijão  
 Sem água sombras nem feiras  
 O vento arrasta no chão  
 Ossos fofos de caveiras  
 Lá no alto os urubus  
 Cá embaixo cena imunda:  
 Cão faminto lambe a bunda  
 De crianças – todos nus...

Na seca a vida não presta  
 Mais de um ano sem inverno  
 Como se fosse uma festa  
 Do Satanás no inferno  
 Um pingo d'água não resta  
 Neste sofrimento eterno  
 Gestantes pedindo esmolas  
 De joelhos maltrapilhas  
 Pais banguelos trocam filhas  
 Não há missa nem escolas!

Grito por Deus Lá de cima  
 Mas Ele já está saindo  
 Cujo o destino não rima  
 Nos deixando um sol tinindo

Que a terra “sêca” lastima  
 Pra nós o mundo está findo  
 Nas árvores não há mais copas  
 Caminhões vejo dezoito  
 Nos dando água e biscoito  
 Homens de verde as tropas...

[...]

(SANTA HELENA, 1983, p. 1).

**Figura 02:** Capa do cordel *Epopéia das secas*



**Fonte:** Arquivo do Autor, (2021).

O poeta Raimundo Santa Helena, em seu poema *Flagelados das secas*, vem nos mostrar as dificuldades enfrentadas pelo povo sertanejo em um ano de fortes estiagens no sertão da Paraíba, pondo em evidência o quão o fenômeno das secas pode ser vilão, ao causar o caos social e o aumento das desigualdades. Através da poesia de Santa Helena, nós podemos perceber a forte presença do conceito da paisagem, muito utilizado pela Geografia em suas discussões. O poeta evidencia, em suas estrofes, algo que é de fundamental importância quando se busca uma melhor compreensão da paisagem sertaneja, a seca, fenômeno que influi na vegetação, escassez de água e alimentos e está diretamente ligado ao condicionamento da paisagem e do modo de viver do sertanejo.

Encontramos Geografia em sua poesia também quando o autor, ao dar ênfase ao fenômeno das secas, explicita a falta de alimentos, gerando fome, miserabilidade, mortalidade de pessoas e animais; de sombras, fator muito importante para as

peças e os animais e a sua convivência nas terras semiáridas; de água, tendo em vista a escassez ocasionada pela ausência parcial ou total de chuvas nas regiões mais áridas, a exemplo do “polígono das secas”<sup>3</sup>, gerando desabastecimento de água potável, vindo a acarretar problemas de desidratação, doenças ocasionadas por verminoses e parasitários, falta de melhores condições de higiene, pouca produção de alimentos, entre outras mazelas; a ausência de comercialização nas feiras, problema que vai além da falta de produção, levantando também questões econômicas, sociais e até mesmo culturais, tendo em vista que as feiras são espaços de múltiplas finalidades, todos fatos de grande interesse à Geografia para fins de estudo.

O cordel seguinte, que tem como título *O país e o povo, (ou a carestia atual)*, é de autoria do poeta Laelson Luiz dos Santos Rios e foi produzido pela Ordem Brasileira dos Poetas da Literatura de Cordel, com sede em Salvador-BA, no ano de 1982. (Figura 03):

[...]

O povo procura emprego  
E nada de conseguir  
E quando consegue um  
Não dá nem para vestir,  
Muito mal dá pra viver  
Não chega nem pra comer,  
Só o rico quer engolir.

[...]

Dona de casa reclama  
E o operário também  
Com alto custo de vida.  
Porque a precisão já vem,  
O motorista se esfola  
Só falta pedir esmola  
Porque não sobra um vintém.

Aumenta a carne e o açúcar,  
O arroz e o feijão,  
Café, verdura e farinha,  
O leite, a luz e o pão,  
Hoje essa ladainha  
Aumenta até a galinha,  
Salário não chega, não.

[...]

(SANTOS RIOS, 1982, p. 1, 2).

---

<sup>3</sup> O polígono das secas compreende uma área do Nordeste brasileiro onde há incidência de prolongados períodos de estiagem. SEI (2018).

**Figura 03:** Capa do cordel O país e o povo



**Fonte:** Arquivo do Autor, (2021).

Nos versos de Santos Rios, podemos ver um tema muito relevante à Geografia e que é atualíssimo, apesar de o cordel ter sido escrito na década de 1982, tendo em vista os fatos expostos nas páginas de sua obra. O poeta cordelista trata, em suas estrofes, de problemas relacionados à alta da inflação, o alto custo de vida, as dificuldades na hora de conseguir um emprego, além do baixo poder de compra do salário, que, na sua opinião, não chega, ou seja, não é o suficiente para que o trabalhador possa suprir as suas necessidades básicas essenciais, a exemplo de comer e vestir.

Ao tratar de temas tão presentes na vida da maioria dos brasileiros, a inflação e o desemprego, direta e/ou indiretamente o autor está falando também das migrações que muitas vezes se dão porque as pessoas saem de suas cidades em busca de alguma ascensão financeira, ou melhores oportunidades de emprego. Como também, das questões que estão intrinsecamente ligadas à urbanização, como, por exemplo, o aumento da favelização, a falta de saneamento básico, problemas relacionados à saúde e segurança pública.

Ao tratar de fatos de tamanha relevância à Geografia, tendo em vista que esses fenômenos explicitados pelo autor estão diretamente ligados ao homem e a sua forma de interagir com o meio, ele também está contribuindo, através de sua poesia, com a

Geografia, que, ao falar sobre esses temas, busca explicá-los como fatos que influenciam diretamente a vida do homem enquanto agente modificador do espaço geográfico nesse contexto, mais precisamente o espaço urbano, pois este é um fenômeno que está fortemente ligado à geração de renda, ao mercado consumidor, ao poder de compra, aos processos de produção e a distribuição de mercadorias, e assim por diante.

O poema subsequente é de autoria de Jadson Lima, poeta da cidade de Bom Jesus-RN, cujo título é *A feira de Bom Jesus*. Esse poema pode ser encontrado no livro *Invernica*, de mesma autoria, e relata em suas estrofes fatos corriqueiros e passíveis de serem vistos na maioria das feiras do interior nordestino. (Figura 04):

[...]

E logo de entrada vejo  
Um pau-de-arara parando  
Desce de dentro a moçada  
Com sacos na mão andando  
De tudo que é sortimento  
O dia caminha lento  
O sol já tá esquentando.

Uma banca de ferragem  
Com três “mulher” fofocando  
Um marchante afia a faca  
Sai um pernil desossando  
Um caneiro embriagado  
Comendo pão com picado  
Seis horas já tá chegando.

[...]

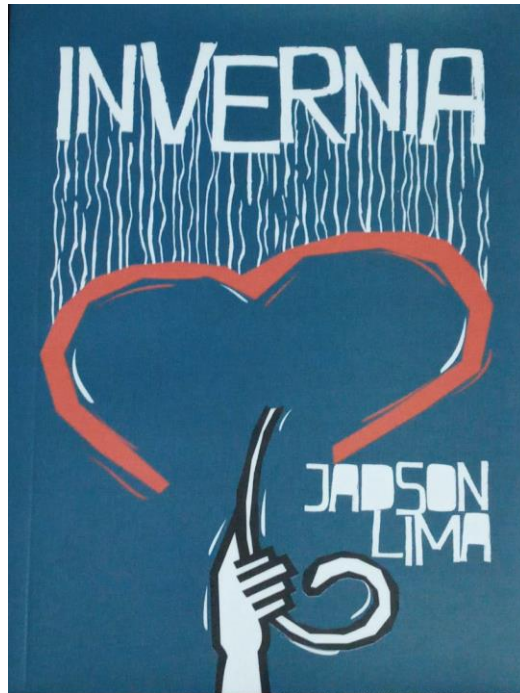
Sandália, vestido, calça,  
Chapéu, camisa e botão,  
De tudo tem nessa feira  
Faca, machado e facão,  
Tem corda, fumo e mangaio  
Queijo de manteiga e “coiao”  
Rede, lençol e colchão.

[...]

Meio dia tem mais nada  
Só fica mesmo os banqueiros  
Tirando as bancas da feira  
Num manejar de guerreiros  
É assim que a feira finda  
Pra mim a coisa mais linda  
Meus versos são verdadeiros.

[...]

(LIMA, 2018, pp. 30, 31, 33).

**Figura 04:** Capa do Livro Invernias

**Fonte:** Arquivo do Autor, (2021).

Nas estrofes de Jadson Lima, ao descrever um pouco da feira de Bom Jesus, sua cidade de origem, nós podemos notar elementos típicos, encontrados na maioria das feiras realizadas ainda hoje nas pequenas, medias e até grandes cidades nordestinas. A feira livre descrita pelo autor pode ser vista de diversas formas perante a luz da Geografia, podemos destacar, por exemplo, a demarcação de diferentes territórios dentro de um mesmo espaço, neste caso específico, a feira de Bom Jesus.

Dentro de uma perspectiva geográfica, as feiras livres podem ser marcadas por diferentes configurações territoriais, o que implica a disputa dos diferentes grupos sociais que a compõem. Na poesia de Jadson Lima, nós podemos perceber esses grupos quando o autor faz menção, na segunda estrofe do fragmento acima exposto, de três personagens que usufruem de maneiras diferentes do espaço da feira, em primeiro lugar as três mulheres que fazem daquele espaço um território propício às vivências e trocas de percepção, o segundo personagem é o marchante, que está ali para trabalhar, e, por último, o autor cita o caneiro, personagem icônico, que se faz presente nesse ambiente de múltiplas possibilidades.

O último poema a ser analisado é de autoria do poeta Vinícius Gregório, e pode ser encontrado em seu livro intitulado *Alma Impressa*. Esse poema recebeu do autor o título de *Brasil, Ontem e Hoje*, e trata, em suas estrofes, de fatos comuns nos sertões que vivem até hoje sob o comando dos coronéis e latifundiários. (Figura 05):



[...]

Ontem, em filas constantes,  
Sertanejos retirantes  
Se esquivavam das mazelas;  
Hoje, sofrem os que ficam  
E os que vão, só multiplicam  
A miséria das favelas.

[...]

Ontem coronéis tiranos,  
Vis, covardes, desumanos,  
Mandavam no teu sertão;  
Hoje, latifundiários  
Humilham os operários.  
Que falta faz Lampião...

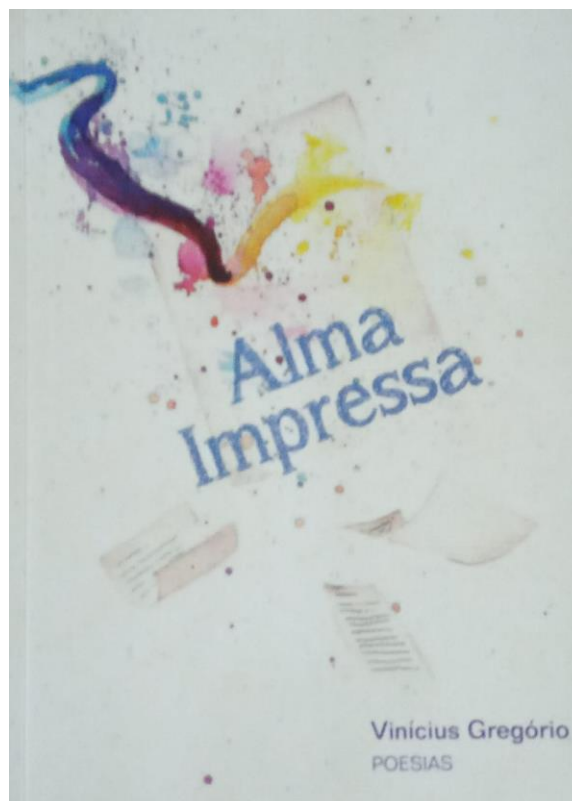
[...]

Brasil, acorda, Brasil,  
Onde está a mãe gentil  
Que teu hino tanto prega?  
Que mãe que só faz o bem  
Ao filho que tudo tem  
E ao filho pobre se nega?

[...]

(GREGÓRIO, 1987, pp. 137, 138).

**Figura 05:** Capa do livro Alma impressa



**Fonte:** Arquivo do autor, (2021).

Nas estrofes de Vinícius Gregório, percebemos a riqueza e a abrangência dos temas problematizados pelo autor e que a Geografia tem abordado ao longo dos anos em suas pesquisas. Na primeira estrofe deste recorte, Vinícius nos brinda com alguns fatos de extremo interesse para a Geografia, tratando os temas que vão desde o deslocamento dos retirantes sertanejos, que partiam/partem para as grandes cidades, se esquivando de mazelas muitas vezes ocasionadas pelas fortes secas que assolam uma grande parcela da região Nordeste.

Fazendo com que as pessoas saiam em busca de melhores condições de vida, e ainda associa a este fato o aumento das favelas e da miserabilidade nelas existente, deixando para nós, ainda, a possibilidade de, a partir destes fatos expostos, aprofundarmo-nos na vasta gama de possíveis acontecimentos ocasionados pela migração destes sertanejos e o crescimento das favelas.

Na segunda estrofe do recorte, o poeta evidencia um sistema que imperou e ainda hoje existe nos nossos sertões, o sistema coronelista e patriarcal com sua cultura, os seus desmandos e tirania. E pontua, hoje travestidos de latifundiários, porém, com os mesmos costumes em relação aos seus malfeitos para com os operários, esses, muitas vezes sertanejos fortes e bravios, que lutam sempre por melhores condições de vida.

Ainda na segunda estrofe, o autor deixa claro o regionalismo existente em sua essência e lembra o nome de Lampião, reavivando e fortalecendo a história daquele que se tornou um ícone, tido para muitos como um herói, o “rei do cangaço”, um exemplo de bravura e coragem. Lampião era aquele que defendia os “pequenos”, que resgatava a honra dos sertanejos que eram oprimidos, que tinham suas filhas e esposas seduzidas e abusadas pelos “grandes”, aquele que lutou o quanto pode contra o sistema regente em sua época, Lampião foi para muitos o herói que surgiu por conta das adversidades impostas pelo sistema.

Na terceira estrofe do fragmento acima exposto, ao verbalizar “Que mãe que só faz o bem ao filho que tudo tem e ao filho pobre se nega” o autor está evidenciando as desigualdades tão fortes e existentes no Brasil. O fenômeno das desigualdades na Geografia pode ser visto por diferentes perspectivas, de diferentes ângulos e através de diferentes linhas de pesquisa, podendo ser interpretado como fator importantíssimo para a criação, modificação e reprodução de espaços, paisagens e lugares, o estudo desse fenômeno abre à Geografia inúmeras possibilidades de resultados a serem obtidos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluirmos este trabalho, podemos perceber a literatura de cordel como importante fonte, de onde jorra a Geografia através da poesia dos cordelistas. Tendo em vista o alto poder descritivo com que esta literatura trata em suas abordagens de temas como o fenômeno das secas, a migração, a violência, a fome, os conflitos sociais, entre outros de grande relevância no que diz respeito ao cerne da ciência geográfica, podemos afirmar o cordel como uma ferramenta de fundamental importância no tocante às investigações que abrangem essa relação Geografia/literatura.

Esta é uma pesquisa muito relevante para o campo da Geografia cultural, tendo em vista a escassez de trabalhos que busquem dar ênfase ao cordel enquanto caminho para o conhecimento geográfico, e também por traçar alguns arcabouços teóricos que nos permitem, por meio do uso do método fenomenológico e da relação Geografia/literatura, tratar da literatura de cordel, nos proporcionando conhecer um pouco mais de como se deu a sua chegada ao Brasil, como ocorreu o seu processo de inserção no Nordeste brasileiro, a sua disseminação, estruturação e as características adquiridas por ele ao longo dos anos.

O uso da literatura de cordel no campo da Geografia é algo que deve ser debatido com maior frequência pelos que fazem parte da vertente cultural, tanto por suas características e poder descritivo dos fatos e paisagens, quanto por seu valor cultural, que está intrinsicamente ligado a um regionalismo que perdura por muitas décadas, desde a sua chegada ao Brasil, quando passou a adotar novas faces, até os dias atuais, mantendo preservada a tradição cultural nordestina.

Dessa forma, compreendemos que nossa pesquisa não se esgota com estas contribuições, porém merece ser ampliada, a fim de vislumbrar novos debates e horizontes de trabalho partindo da relação Geografia/literatura. Sendo assim, novas pesquisas devem surgir a partir desta, com o intuito de, mais uma vez, reafirmar a literatura de cordel como ferramenta de grande valia no âmbito do debate geográfico.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. Histórias de cordéis e folhetos. Campinas: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil, 1999. (Col. Histórias de Leitura).

ARAÚJO, Tânia Bacelar de. NORDESTE, NORDESTES: que nordeste? In: Ensaios sobre o desenvolvimento brasileiro: Heranças e urgências. Rio de Janeiro. Ed. Revan, 2000.

BARTHE-DELOIZY, F., and SERPA, A., orgs. Sobre os autores. In: Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia [online]. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012, 198 p.

BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. 49. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

BOTELHO, André. A pequena história da literatura Brasileira: provocação ao modernismo. Tempo Social. v.23, n.2 (nov. 2011), pp.135-161. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12670/14447>. Acesso em: 09 maio 2021.

BROSSEAU, Marc. Geografia e Literatura. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (org.). Literatura, Música e Espaço. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2007.

CARVALHO, Rodrigo Janoni. Reflexões sobre geografia e literatura. In: *Ágora* revista eletrônica. Ano X nº 19 – Dezembro, 2014 ISSN 1809 4589 p. 80 – 89. Disponível em: <http://agora.ceedo.com.br/ojs/index.php/>

AGORA\_Revista\_Eletronica/article/view/103. Acesso em: 25 maio 2021.

CLAVAL, Paul. A geografia cultural no Brasil. In: BARTHE-DELOIZY, F., and SERPA, A., (orgs). Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia [online]. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012, pp. 11-25. ISBN 978-85-232-1238-4. Available from SciELO Books. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/8pk8p/02> Acesso em: 19/04/2021.

CLAVAL, Paul. O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana. In: ROSENDAHL, Zeny.; CORRÊA, Roberto Lobato. (Org.) Matrizes da Geografia Cultural. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

CORRÊA, Jhonatan da Silva. Geografia cultural: uma breve história. In: Anais do 3º Whorkshop de Geografia Cultural: o lugar e as disputas da cultura no espaço, 19 e 20 de junho de 2017: Alfenas: UNIFAL, 2017. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/geografia/sites/default/files/historia%2036-51.pdf>. Acesso em: 15 abril 2021.

GOMES SOBRINHO, João. O bicudo no Brasil. Natal, Gráfica Manibu, 2001.

GREGÓRIO, Vinícius. Alma impressa: poesias. Recife: Ed. do Autor, 2016.

HUSSERL, Edmund. A Idéia da Fenomenologia. Tradução: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1990. Disponível em: <https://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2011/08/a-idc3a9ia-da-fenomenologia.pdf>. Acesso em: 20 abril 2021.

JAHN, Livia Patry. A literatura de cordel no século XXI: Novas e velhas linguagens na obra de Klévisson Viana. 2011, 117 (fs). Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/32886/000787302.pdf?sequence=1&isAllowed=y> acesso em: 15 nov. 2020.

LIMA, Jadson. Invernias. Natal: Offset, 2018.

ROCHA, Maria Iêda Justino da; OLIVEIRA, Rayane Maria da Silva; PÁDUA, Vilani Maria de. Literatura de cordel: um gênero poético. Recife: Anais do XIII Congresso NUPIC, 2017. Disponível em: [http://publicacoes.fafire.br/diretorio/nupic/nupic\\_2016\\_10.pdf](http://publicacoes.fafire.br/diretorio/nupic/nupic_2016_10.pdf). Acesso em: 01 out. 2020.

SANTA HELENA, Raimundo. Epopéia das secas, Rio de Janeiro: Produção artesanal pelo autor, 1983.

SANTOS RIOS, Laelson Luiz dos. O país e o povo (ou a carestia atual), Salvador: Ordem Brasileira dos Poetas da Literatura de Cordel, 1982.

SAUER, Carl Ortwin. Geografia cultural. In: Revista Espaço e Cultura, nº 3. Janeiro-Junho, Rio de Janeiro, 1997. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6706/4799>. Acesso em: 15 abril 2021.

SEEMANN, Jörn. A morfologia da paisagem cultural de Otto Schülter: Marcas visíveis de Geografia cultural. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, n. 17-18, pp. 65-76, 2004. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/7854/5682>. Acesso em: 05 maio 2021.

SEI. Polígono das secas. Salvador BA, 2018. Disponível em: <[https://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2603:cartografia-tematica-regionalizacoes-poligono-das-secas&catid=1553&Itemid=664](https://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2603:cartografia-tematica-regionalizacoes-poligono-das-secas&catid=1553&Itemid=664)>. Acesso em 01 de junho de 2021.

SILVA, Joseilton José de Araújo. A utilização da literatura de cordel como instrumento didático-metodológico no ensino de geografia. 2012, 158 (fs). Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

SUESS, Rodrigo Capelle; COSTA LEITE, Cristina Maria. Geografia e Fenomenologia: uma discussão de teoria e método. ACTA Geográfica, Boa Vista, v. 11, n. 27, set. /dez. de 2017. Pp.149-171. Disponível em: <https://revista.ufrb.br/actageo/article/view/4409/2428>. Acesso em: 22 abril 2021.

SUZUKI, Júlio César. Geografia e literatura: Abordagens e enfoques contemporâneos. Revista do Centro de Pesquisa e Formação/nº 5. Set. 2017. P. 129-147. Disponível em: [https://www.secsp.org.br/online/artigo/11549\\_JULIO+CESAR+SUZUKI](https://www.secsp.org.br/online/artigo/11549_JULIO+CESAR+SUZUKI) acesso em: 05/05/2021

TAVARES, Braulio. Arte e ciência da cantoria de viola: cantoria, regras e estilos. Recife: Bagaço, 2016.